

Uma Salada Científica

A Scientific Salad

Enio Freire de Paula*

* Mestre em Educação para a Ciência e o Ensino de Matemática pela UEM. Docente da Faculdade de Presidente Venceslau – FAPREV/UNIESP.

E-mail: eniodepaula@yahoo.com.br

RÉGULES, Sérgio. *O sol morto de rir*. Tradução de Márcia Aguiar Coelho. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

Lançado em 2008, quando a Unicamp sediou a 60ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), *O Sol morto de rir* é o livro de abertura da *Coleção Meio de Cultura*¹, organizada pelo físico Marcelo Knobel e publicada pela Editora da universidade.

Embora essa coleção se assemelhe a outras duas já editadas no Brasil: a *Coleção Divulgação Científica*² e a *Série Terra Incógnita*³, ela possui um diferencial: enquanto ambas dedicam-se a *refletir*, seja sobre os processos que envolvem a atividade de divulgação científica, seja sobre as próprias obras/eventos/publicações que se propõem

Científica (2002), *Divulgação Científica: Reflexões* (2003), *Congresso Internacional de Divulgação Científica* (2004), *José Reis: Ciência, poesia e outros caminhos* (2005), *Círculos Crescentes: pesquisa e história na divulgação científica brasileira* (2006), *Feiras de Reis* (2007), *Divulgação Científica: História Viva* (2008), *Divulgação Científica: Olhares* (2009) e *Enfrentamentos e Indagações* (2010).

¹ Além da obra que resenhamos, já foram publicados nove títulos. Em 2008, *Ciência: use com cuidado* e *A extinção dos tecnossauros*. Em 2009, *O gozo intelectual*, *Inventando milhões* e *Dez teorias que comoveram o mundo*. Em 2010 foi publicado *Kluge*. Em 2011, *Borges e a mecânica quântica*, *Superstição* e *O sonho de Einstein*.

² Publicada pelo Núcleo José Reis de Divulgação Científica da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NJR/ECA/USP), já agrega treze títulos: *A espiral em Busca do Infinito* (1998), *Idealistas Isolados* (1999), *Os donos da Paisagem* (2000), *José Reis: jornalista, cientista e divulgador científico* (2001), *Ética e Divulgação*

³ Criada pela Casa da Ciência – Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui quatro títulos: *Ciência e Público: Caminhos da divulgação científica no Brasil*, *A divulgação da ciência como literatura*, *O pequeno cientista amador: a divulgação científica e o público infantil* e *Terra Incógnita: a interface entre ciência e público*. É possível fazer o download do primeiro volume da série pelo link: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/livro_completo.pdf>.

a divulgar a ciência, os títulos da *Coleção Meio de Cultura* são exemplos de obras que se dedicam a *fazer* divulgação científica. Essa diferenciação é evidente no decorrer de todos os títulos até então publicados, haja vista que os assuntos discutidos, bem como os autores escolhidos, abordam temas de diversas áreas e preocupam-se em apresentar tais especificidades de um modo agradável e propositalmente mais acessíveis aos leitores não especializados.

Sérgio Régules, autor de *O sol morto de rir*, figura entre os grandes divulgadores de Ciência no México. O livro é uma tradução da obra de mesmo nome editada no México (*El sol muerto de risa*, 1997). No prefácio da edição brasileira, é o próprio autor quem define sua obra: “este livro é uma espécie de salada: foi elaborada com diversos ingredientes” (p. 11). Essa salada científica é composta por quarenta pequenos ensaios sobre diversas áreas da Ciência, com ênfase em tópicos ligados à Astronomia, à Física e à Biologia; a maioria dos textos, contudo, já foram publicados em uma coluna assinada pelo autor no jornal mexicano *The News*.

O primeiro ensaio que, aliás, dá nome ao livro, objetiva discutir a neutralidade e a linearidade científica, temas constantes nas discussões que envolvem a Ciência, os cientistas e sua história. A ciência não é linear nem neutra, e os cientistas não são *olímpicos*, no sentido mítico da palavra, tal como nos foram apresentados na escola. A imagem associada aos cientistas decorre do senso comum, de estereótipos, muitas vezes ligados às representações dessa personagem em filmes, desenhos e outras mídias.

A ciência, ao contrário da ideia geral que muitos têm, não se parece com um conjunto de técnicas infalíveis e métodos sempre corretos. Por esse motivo, ela não se mostra linear: seu avanço se dá em espiral, aperfeiçoando seus métodos e técnicas, progredindo com bases em estudos outrora realizados. É possível inferir que, segundo o autor, a maioria das inovações científicas não decorre de *insights*, mas sim de inquietações, curiosidades e incertezas humanas: esse, aliás, é o tema do segundo ensaio: “*Tédio, o pai da civilização*”.

A Astronomia é um tema recorrente no livro. Ensaios sobre as estrelas (“*A cor das estrelas*”, “*Explosões estelares*”, “*O descobrimento das galáxias*” e “*Você quer ser um buraco negro?*”, por exemplo) demonstram o interesse do autor em divulgar os mistérios e os avanços dos estudos ligados à compreensão do universo. Outras curiosidades também incrementam a salada científica da obra. Assuntos ligados à pseudociência, como as diferenças entre *astronomia* e *astrologia* (ensaio “*Dúvida dúvida dú-vi-da*”), a numerologia (ensaio “*O autor descobre que é extraterrestre*”) e as credices populares (ensaio “*Como curar um soluço*”) são temas de divertidos textos: a alfabetização científica é o tempero capaz de resolver essa questão. Contudo não é o único: a necessidade de aprender plenamente conceitos matemáticos é enfatizada em “*Os perigos do anumerismo*”, em que o autor discute os perigos do analfabetismo matemático.

Com diversos ensaios sobre Charles Robert Darwin (1809-1882), entre eles “*O nariz de Darwin*”, “*As viagens ilustram*”,

“O julgamento do século” e “Darwin, o virtuoso”, a Biologia e suas particularidades (em especial a temática da evolução) se fazem presentes na obra. Viagens no tempo e também à velocidade da luz (“*Pareça mais jovem: viaje rápido*”) e a existência de universos paralelos compõem o prato principal entre os ensaios que discutem a Física e a história de alguns de seus ilustres representantes como Johannes Kepler (1571-1630) em “*Sonho de uma noite de luar*”, Albert Einstein (1879-1955) em “*A expansão do universo*” e Edmund Halley (1656-1742) em “*Elefantes e filósofos*”. “*Os cérebros de Broca*”⁴ é outro exemplo de ensaio de resgate histórico. Nele, Régules comenta o resultado das experiências de Paul Broca (1824-1880), ligadas ao estudo de lesões cerebrais: ao qual, devido às diferenças ligadas ao tamanho e ao peso dos cérebros de homens e mulheres, defendeu a soberania da inteligência masculina (!).

Entre os ensaios maiores, destacam-se dois: “*Faça-se a luz! A antiguidade da terra*” e “*A era dos descobrimentos*”. No primeiro, o autor ao narrar à história da

famosa *Encyclopaedia Britannica*, editada em 1771, nos apresenta o interessante (e muito curioso (!)) método utilizado até meados do século XVII para datar a idade do planeta Terra, baseada na contagem das idades dos personagens bíblicos. No segundo, é traçada uma retrospectiva sobre a Idade Média, o Renascimento, e as diversas invenções, criações e descobertas desse período.

Encontram-se também diversos contos salpicados entre os ensaios: o inteligente “*Um final inesperado*”, o curtíssimo conto “*Outro destino para o almirante*” e o texto que finaliza o livro “*Um conto pra terminar*”.

Após terminar a leitura, voltei ao prefácio, mas especificamente no trecho em que o autor define sua obra:

E caso alguém ainda tenha dúvidas, o livro trata de ciência: como é feita, quem a faz, que paixões, alegrias e dissabores acometem os cientistas, como sabemos o que sabemos e por que acreditamos que o sabemos. Pelo menos acredito que trate disso. Para comprová-lo, continuem lendo (p. 13).

De leitura agradável e organização dos temas de modo a conduzir o leitor a surpreender-se com os assuntos e nomes dos ensaios, o livro, como um todo, apresenta-se como uma obra de referência na área de divulgação científica: tanto para docentes especialistas quanto para o público jovem interessado em ciência. Li, comprovei e recomendo.

⁴ Carl Sagan (1934-1996) também escreveu um texto, com o mesmo título, discutindo também, o mesmo assunto. Na realidade o texto de Sagan dá nome ao livro editado em inglês “*Broca’s brain*” (1974). Como esse texto não consta entre as referências de Régules, optamos por disponibilizar a referência de uma edição desta obra no Brasil: SAGAN, Carl. *O romance da ciência*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Recebido em julho de 2012.

Aprovado para publicação em dezembro de 2012.